

**ÁREA TEMÁTICA:** (marque uma das opções)

- COMUNICAÇÃO
- CULTURA
- DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
- EDUCAÇÃO
- MEIO AMBIENTE
- SAÚDE
- TRABALHO
- TECNOLOGIA

## **NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DA TERRITORIALIDADE TRADICIONAL DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLA PALMITAL DOS PRETOS: RECRIAÇÃO DA MEMÓRIA PELA CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA.**

**Everton Miranda (miranda13em@gmail.com)**

**Fábia Alessandra Santos De Oliveira (fabialessandra.geo@gmail.com)**

**Max Clarindo (maxclarindo@hotmail.com)**

**Nicolas Floriani (florianico@gmail.com)**

RESUMO – O presente trabalho tem como principal objetivo recriar a memória da comunidade remanescente Palmital dos Pretos – que atualmente é formada por 20 famílias, dividida em homens, mulheres e crianças - através da cartografia participativa, elaborando mapas do passado, presente e futuro a partir da vivência dos moradores mais antigos e de relatos da vivência dos seus antecessores. Os mapas foram confeccionados por dois representantes do referido quilombo em conjunto com o grupo de pesquisa. A representação do espaço em mapas pode ser traduzida em termos de imagens mentais, construídas por diversas lembranças compartilhadas acerca da relação dos sujeitos com os lugares e territórios apropriados. No caso da Comunidade Remanescente de Quilombolas Palmital dos Pretos, a cartografia participativa serviu, ao mesmo tempo, como instrumento e método (caminho) para a recriação da memória acerca das histórias da relação da comunidade com seu território e com outros atores sociais. Ou seja, a cartografia permitiu captar as imagens e exercitar as narrativas das territorialidades quilombola, pois os sujeitos ao desenharem a realidade vivenciada, falam ao mesmo tempo sobre os acontecimentos passados vivenciados por eles e por outros sujeitos.

**PALAVRAS-CHAVE – Comunidade Remanescente de Quilombola Palmital dos Pretos. Cartografia Participativa. Memória.**

### **Introdução**

De modo geral, o processo de formação das comunidades quilombolas foi através da luta e resistência dos escravos frente à opressão do regime escravocrata, culminando no surgimento de quilombos que foram sendo construídos em locais de difícil acesso para garantir a proteção da integridade física e cultural da comunidade. Na Comunidade Remanescente de Quilombola Palmital dos Pretos – certificada em 2006 pela Fundação Cultural Palmares - a formação se deu quando os escravos se refugiaram próximo ao Distrito de Três Córregos, localizado na zona rural do município de Campo Largo – PR, e começaram a desenvolver atividades como a extração do palmito e agricultura de subsistência. Atualmente, a comunidade é composta por 20 famílias, dividida em homens, mulheres e

crianças, e possui uma territorialidade menor em relação ao passado devido à perda e/ou venda de suas terras para latifundiários que cultivam árvores de espécie exótica (*pinus e eucalipto*) destinada à produção de madeira.

### **Objetivos**

Este trabalho tem como cunho central resgatar e recriar a memória dos moradores da comunidade quilombola Palmital dos Pretos a partir da cartografia participativa. Deste modo, pode-se analisar o recorte histórico-cultural e compreender, através dos mapas e das falas dos sujeitos entrevistados, o surgimento e as transformações do território quilombola.

### **Referencial teórico-metodológico**

De acordo com Guchumian (1989, p.34) apud Floriani et al (2009, p.03) “o espaço percebido e representado é (...) uma construção individual e coletiva, em relação direta com o espaço da vida – com toda a sua intensidade e diversidade de práticas espaciais – mas onde intervém igualmente o imaginário, o sonho”.

Ademais, uma representação espacial, de acordo Gumuchian (1989, p.33-34) apud Floriani et al (2009, p.11) elucida que:

[...] se elabora e se constitui apoiada sobre as múltiplas imagens do espaço (...) a imagem pode se definir como um evento psicológico e como suporte eventual de outras atividades mentais. Essas dimensões do material e do simbólico fazem irrupção nos discursos, em desenhos, em imagens.

As representações espaciais são constituídas, portanto, por imagens que, segundo Kozel (2013, p.59) “ao serem construídas ou decodificadas passam por diferentes filtros e linguagens, o que é inerente a cada indivíduo, que estabelece códigos simbólicos próprios de acordo com a sua visão de mundo”.

Nesses termos, as representações espaciais levam em conta a relação “sujeito-signo-imagem” que o indivíduo possui, transbordando no mapa sua experiência de mundo e remetendo ao conceito de “espaço vivido”, que por sua vez é impregnado de percepções, significados e complexidades inerentes aos aspectos socioculturais (KOZEL, 2013 p.60), articulando as memórias coletivamente/individual recriadas conforme o contexto histórico e político em que os grupos se inserem.

A representação do espaço em mapas pode ser traduzida em termos de imagens mentais, construídas por diversas lembranças compartilhadas acerca da relação dos sujeitos com os lugares e territórios apropriados. No caso da Comunidade Remanescente de Quilombolas Palmital dos Pretos, a cartografia participativa serviu, ao mesmo tempo, como

instrumento e método (caminho) para a recriação da memória acerca das histórias da relação da comunidade com seu território e com outros atores sociais. Isto é, a cartografia permitiu captar as imagens e exercitar as narrativas das territorialidades quilombola, pois os sujeitos ao desenharem a realidade vivenciada, falam ao mesmo tempo sobre os acontecimentos passados vivenciados por eles e por outros sujeitos.

As imagens e memórias estão presentes nos espaços de vivências e materializados em geossímbolos da paisagem, formando assim as paisagens culturais, que estará ligada a identidade local (BONNEMAISON, 1988). Com isso, Bonin (2004, p.18) apud Floriani (2009, p.3) comenta que:

[...] em relação aos trabalhos sobre as representações espaciais, percebe-se que a paisagem é um tipo particular de representação, isto é, uma criação social particular de esquemas de pensamento do real geográfico. Nesse sentido, a teoria da paisagem permite o estudo objetivo de uma categoria de representações: as paisagens culturais.

Assim, se pode entender a comunidade quilombola Palmital dos Pretos como uma paisagem cultural rústica, porque é fruto da apropriação de um território por um grupo social que possui uma espacialidade-temporalidade caracterizada por um modo de vida vinculado à agricultura (à terra), à organização social comunitária e familiar, parcial ou relativamente conectada à dinâmica transformadora da sociedade envolvente. Portanto, apresenta, conforme Hall (1998, p.71) uma “identidade localizada no espaço e no tempo simbólico”.

## **Resultados**

A cartografia participativa da CRQ Palmital dos Pretos foi realizada por dois moradores representantes da comunidade (uma mulher e um homem) com aproximadamente 50 e 70 anos de idade, respectivamente. Foram confeccionados três mapas, onde cada qual representava o passado, o presente e a projeção do futuro da comunidade quilombola.

No mapa do passado (Figura 1), foram representados elementos indicativos da solidariedade orgânica da vida em comunidade. Praticando um sistema produtivo tal qual um Faxinal (isto é, com ‘terras de criações de animais’ à solta na área de florestada, extração de erva-mate, agricultura de roçado na ‘terras de plantar’), que foi graficamente representado no mapa através de valo que separava as duas terras do território tradicional e delimitava os limites entre os demais territórios; as casas (mais agrupadas que atualmente); elementos religiosos como igrejas católicas e o cemitério. Durante a conversa informal alguns valores e sentimentos foram revelados, tais como a afetividade entre os sujeitos integrantes da

comunidade quilombola, e, com relação também as comunidades vizinhas (por meio da religiosidade e algumas relações de trabalho).

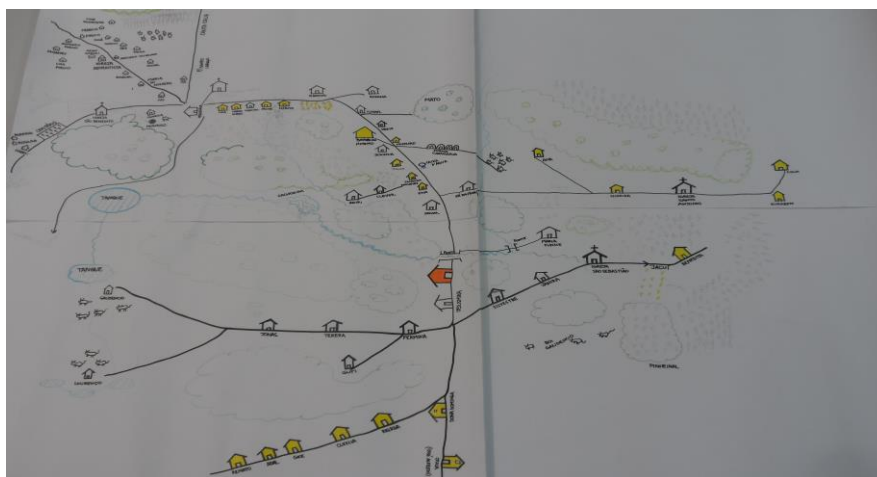
Figura 1 – Mapa do passado



Legenda: territorialidades antigas do quilombola. Foto: Nicolas Floriani, 2014.

No mapa do presente (Figura 2), percebemos o afastamento das casas de famílias descendentes dos antigos negros que constituíam a comunidade. O número de casas dos ‘quilombolas’ diminuiu em detrimento do aumento das casas dos ‘brancos’ que se apropriaram do antigo território. A estrada rural que corta a comunidade é um novo elemento cartográfico que acompanha a transformação do modo de vida tradicional.

Figura 2 – Mapa do presente



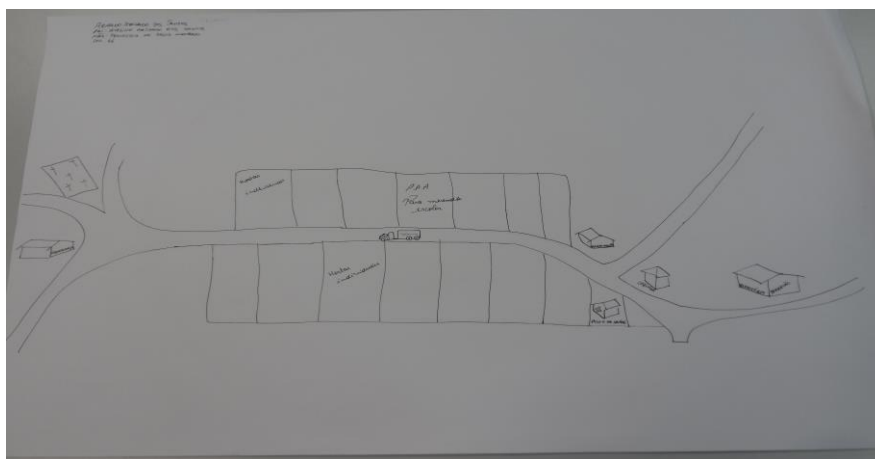
Legenda: territorialidades atuais do quilombola. Foto: Nicolas Floriani, 2014.

A representação gráfica dos quintais em cada estabelecimento demonstra que ainda o sistema de roças para subsistência é praticado, embora em áreas diminutas e com pouca diversidade de cultivos; a criação de animais domésticos é restringida à área do

estabelecimento agrícola próxima a casa, e não mais à solta como no passado. Percebemos o aumento de geossímbolos religiosos (igrejas protestantes ademais de católicas) e uma cozinha (padaria) comunitária, construída com recursos do poder público federal (Programa Luz Para Todos) em reconhecimento à territorialidade quilombola, com função de geração de renda.

No mapa do futuro (Figura 3), estão projetadas as necessidades materiais e imateriais dos quilombolas: um alojamento, um posto de saúde e um refeitório/barracão tudo perto da cozinha comunitária já existente.

Figura 3 – Mapa do futuro



Legenda: mapas dos desejos e supostas territorialidades futuras do quilombola. Foto: Nicolas Floriani, 2014.

Está representada, também, a imagem das hortas individuais para a produção de verduras e legumes, estando esta ideia ligada à possibilidade de vincular as produções hortícolas ao PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) na oferta de alimentos à merenda escolar, aumentando assim o nível de renda da comunidade. Também é representado um carro para o transporte. Estes mapas nos mostra, portanto, que a territorialidade quilombola está intrinsecamente ligada à reprodução dos seus quintais enquanto vínculo com a terra.

As territorialidades quilombola estão atreladas a terra, ou seja, os quintais, áreas de cultivos, áreas de pastagem, e, também a área de convivência pessoal, porque cada indivíduo irá construir suas redes de trocas de informações, seja pela amizade, prosa e convivência. Em suma, as questões sobre territorialidade estará interligada aos sentimentos e valores arraigados às atividades produtivas (agricultura) e simbólicas (reciprocidade).

Os indivíduos possuem um modo de vida influenciado por valores substantivos (solidariedade) entre os descendentes quilombolas e destes com outras comunidades, mas, também temos a ocorrência de ‘conflitos de vivências’, que são causados por choques de

ideias. Sabendo-se que as falas, prosas e os versos estão ligados a vivência e a fé, lembrando que estas vivências marcam os lugares sociais, e, isto irá imbricar nas amizades pessoais a partir dos traços culturais. Na comunidade quilombola, as pessoas possuem o hábito de cultivar plantas medicinais para elaboração de remédios associados a rituais religiosos rústicos praticados por benzedeiras. Este ato trasborda-se em atos de ciência da saúde do corpo e da alma (espiritualidade).

### **Considerações Finais**

Os mapas elaborados pelos moradores conjuntamente com o grupo de pesquisa nos fez perceber que a comunidade quilombola em questão sofreu mudanças significativas em seu aspecto físico e sociocultural decorrentes do processo de modernização rural. No entanto, os quilombolas ainda reproduzem a sua cultura através de festas religiosas e dança, do uso de plantas medicinais e de atividades agrícolas. Mostrando que suas territorialidades estão marcadas por memórias e imagens, sendo refletido na paisagem por símbolos e valores delineando sua identidade local. Vale ressaltar que, apesar dos problemas enfrentados por estes quilombolas, eles ainda expressaram (vide mapa de projeção do futuro) o sentimento de esperança e mudança, manifestando uma preocupação com a manutenção cultural, que envolve processos históricos, culturais e sociais.

### **Apoio**

Esta pesquisa é financiada pela Fundação Araucária e desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Interconexões: saberes, práticas e políticas da natureza (UEPG).

### **Referências**

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: Corrêa, R. L.; Rosendhal, Z. (Org.). **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002, v.3, p. 83-132.

FLORIANI, Nicolas; KOZEL, Salete; FLORIANI, Dimas. Representações Espaciais: mapeando os saberes vernaculares acerca das paisagens rurais. **Ageteo**, v.34, n.1, p.1-20, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: mapas como construções socioculturais. **Geograficidade**, v.3, número especial, p.58-70, 2013.